

SAÚDE E AMBIENTE

V.9 • N.3 • 2024 - Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3798

ISSN Impresso: 2316-3313

DOI: 10.17564/2316-3798.2024v9n3p124-137



PERFIL DE MULHERES EM COMUNIDADES TERAPÊUTICAS E IMPACTOS MULTIDIMENSIONAIS DO USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

PROFILE OF WOMEN IN THERAPEUTIC COMMUNITIES AND MULTIDIMENSIONAL IMPACTS OF PSYCHOACTIVE SUBSTANCE USE

PERFIL DE MUJERES EN COMUNIDADES TERAPÉUTICAS E IMPACTOS MULTIDIMENSIONALES DEL USO DE SUSTANCIAS PSICOACTIVAS

Paulo Gustavo de Lima Ribas¹

Tânia Maria Gomes da Silva²

Ângela Mara de Barros Lara³

Jeferson Luis Lima da Silva⁴

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar o perfil das mulheres atendidas em duas comunidades terapêuticas femininas em um município do Sul do Brasil, bem como investigar os impactos do uso de drogas em diferentes áreas de suas vidas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva, com abordagem quantitativa. Foi aplicado um questionário a 26 mulheres que estavam em atendimento nessas comunidades terapêuticas. No que se refere ao perfil das mulheres participantes, a faixa etária média foi superior a 35 anos, formada por mulheres que autodeclaravam brancas, solteiras, com ensino médio completo e renda mensal média inferior a um salário mínimo. Foi observado número equivalente de católicas e evangélicas pentecostais, seguidas por protestantes e sem religião. Quanto aos impactos do uso de drogas em suas vidas, mais de 73% relataram adversidades com os filhos, mais de 70% no relacionamento conjugal, 80% na saúde e quase 80% no trabalho. Os resultados deste estudo destacam a importância de abordagens integradas e contextualizadas no tratamento e recuperação de mulheres com dependência química. É fundamental considerar não apenas os aspectos biológicos e psicológicos do uso de drogas, mas também os determinantes sociais da saúde, como a renda, a educação e o suporte social. Além disso, é relevante reconhecer o papel da religião e do envolvimento religioso na vida dessas mulheres. Espera-se que essas informações possam contribuir para o aprimoramento das práticas de atendimento e promoção do bem-estar dessas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE

Dependentes Químicos; Comunidade Terapêutica; Saúde da Mulher.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the profile of women assisted in two female therapeutic communities in a municipality in the Southern region of Brazil, as well as to investigate the impacts of drug use on different areas of their lives. Methodologically, this is an exploratory and descriptive research with a quantitative approach. A questionnaire was administered to 26 women who were receiving assistance in these therapeutic communities. Regarding the participants' profile, the average age range was over 35 years, consisting of self-declared white, single women with completed high school education and an average monthly income lower than the minimum wage. An equal number of Catholic and Pentecostal Evangelical women were observed, followed by Protestants and those with no religion. As for the impacts of drug use in their lives, over 73% reported adversities with their children, over 70% in marital relationships, 80% in health, and almost 80% at work. The results of this study emphasize the importance of integrated and contextualized approaches in the treatment and recovery of women with chemical dependency. It is crucial to consider not only the biological and psychological aspects of drug use but also the social determinants of health, such as income, education, and social support. Additionally, recognizing the role of religion and religious involvement in these women's lives is relevant. It is hoped that this information can contribute to the improvement of care practices and the promotion of well-being for these women.

KEYWORDS

Drug dependents; therapeutic community; Women's Health.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue analizar el perfil de las mujeres atendidas en dos comunidades terapéuticas femeninas en un municipio del sur de Brasil, así como investigar los impactos del uso de drogas en diferentes áreas de sus vidas. Metodológicamente, se trata de una investigación exploratoria y descriptiva con un enfoque cuantitativo. Se administró un cuestionario a 26 mujeres que estaban recibiendo atención en estas comunidades terapéuticas. En cuanto al perfil de las participantes, el rango de edad promedio fue superior a los 35 años, compuesto por mujeres autodeclaradas blancas,

solteras, con educación secundaria completa e los ingresos mensuales promedios inferiores al salario mínimo. Se observó un número igual de mujeres católicas y evangélicas pentecostales, seguidas de protestantes y sin religión. En cuanto a los impactos del uso de drogas en sus vidas, más del 73% informó adversidades con sus hijos, más del 70% en relaciones conyugales, el 80% en la salud y casi el 80% en el trabajo. Los resultados de este estudio enfatizan la importancia de enfoques integrados y contextualizados en el tratamiento y la recuperación de mujeres con dependencia química. Es fundamental considerar no solo los aspectos biológicos y psicológicos del consumo de drogas, sino también los determinantes sociales de la salud, como los ingresos, la educación y el apoyo social. Además, es relevante reconocer el papel de la religión y la participación religiosa en la vida de estas mujeres. Se espera que esta información pueda contribuir a la mejora de las prácticas de atención y la promoción del bienestar de estas mujeres.

PALABRAS CLAVE

Dependientes de drogas; Comunidad terapéutica; Salud de la mujer.

1 INTRODUÇÃO

O uso de drogas é um problema de proporções globais. Seus impactos negativos na saúde e qualidade de vida dos usuários se estendem aos familiares, especialmente pais, cônjuges e filhos. Além disso, há impactos diretos nos governos, com aumento dos gastos em atendimentos ambulatoriais, internações hospitalares, segurança pública, educação e assistência social (Zurita *et al.*, 2016; Rodrigues *et al.*, 2019).

As drogas são substâncias psicoativas que afetam o sistema nervoso central, alterando processos mentais e percepção sensorial, o que modifica o comportamento dos consumidores. Elas podem ser classificadas em drogas lícitas, como psicofármacos e álcool; e ilícitas, sendo as mais conhecidas a maconha, a cocaína e o crack (Schlindwein-Zanini; Sotili, 2019).

O termo “toxicomania” se refere ao consumo tóxico de substâncias, sejam psicoativas ou não, e é frequentemente utilizado em estudos sobre tratamento. Já o termo “drogadição” aponta para uma relação de submissão do indivíduo às drogas (Schimith *et al.*, 2019). Essas mudanças na nomenclatura são importantes para compreender o sujeito que faz uso abusivo de substâncias psicoativas como alguém que busca atenção em saúde, indo além dos julgamentos morais sobre seu comportamento.

É válido ressaltar que o usuário de drogas não necessariamente é um dependente, podendo fazer uso ocasional das substâncias (Schimith *et al.*, 2019). No Brasil, o Decreto nº 9.761, de 11 de abril de 2019, que aprovou a Política Nacional sobre Drogas (PNAD), reconheceu as diferenças entre usuário, dependente e traficante, destacando o tratamento diferenciado para cada um, levando em consideração a natureza, a quantidade da substância apreendida, o local, as condições de apreensão, as circunstâncias sociais e pessoais e os antecedentes do indivíduo (Brasil, 2019).

Nesta pesquisa, optou-se por usar indistintamente os termos “usuárias” e “dependentes” para definir as pessoas que fazem uso contínuo de substâncias psicoativas ilícitas e enfrentam dificuldades para interromper essa prática.

Globalmente, cerca de 29 milhões de pessoas são dependentes de substâncias psicoativas (Meireiros *et al.*, 2018). Esse alto número está diretamente relacionado à questão da saúde, tanto física quanto mental, pois os usuários de drogas utilizam de sete a oito vezes mais os serviços de emergência hospitalar do que a população em geral (Rodrigues *et al.*, 2019).

No Brasil, o aumento da prevalência de mulheres no consumo de drogas não tem sido acompanhado de forma satisfatória pela porcentagem de pacientes que recebem tratamento especializado. Em 2001, 2,5% das usuárias de drogas no Brasil recebiam algum tipo de atendimento em saúde e, em 2005, esse número caiu para 1,6%, evidenciando que a Política Nacional de Drogas (Pnad) não apresentou diretrizes satisfatórias de acolhimento e manutenção das usuárias nos serviços (Albuquerque; Nóbrega, 2016).

Diante disso, esta pesquisa problematiza as condições de vida e saúde de um grupo de mulheres usuárias de drogas que buscaram atendimento em casas de apoio terapêutico em um município do Sul do Brasil. A interlocução entre a área da saúde e as humanidades, permitindo a contribuição da história, sociologia, antropologia, educação e seus referenciais teórico-metodológicos, possibilita uma abordagem ampliada sobre a experiência feminina com a dependência química.

Neste contexto, o objetivo da pesquisa foi analisar o perfil das mulheres atendidas em duas comunidades terapêuticas femininas em um município do Sul do Brasil, bem como investigar os impactos do uso de drogas em diferentes áreas de suas vidas. Para tal, a pesquisa se desenvolveu por meio de objetivos específicos (i) Identificar o perfil sociodemográfico das participantes; (ii) Analisar a composição religiosa e a influência do envolvimento religioso nas vidas das mulheres; (iii) Avaliar os impactos do uso de substâncias psicoativas nos relacionamentos familiares e conjugais.

Conhecer as condições de vida de mulheres envolvidas com o uso de drogas amplia as possibilidades de compreensão dessa experiência, especialmente quando se considera uma ferramenta teórica poderosa, como a perspectiva de gênero, que evidencia diferenças para além dos corpos dos sujeitos, estando inscritas em um *continuum* histórico de subjugação. Outros determinantes sociais, como classe e raça, também serão observados, pois, juntamente com o gênero, formam o tripé interseccional das opressões.

Dessa forma, esta pesquisa é de extrema relevância para o campo das Ciências da Saúde, pois oferece uma análise detalhada do perfil de mulheres em tratamento por dependência química. Ao examinar os impactos do uso de drogas em diferentes áreas de suas vidas, a pesquisa destaca a necessidade de abordagens integradas e contextualizadas, considerando fatores biológicos, psicológicos, sociais e religiosos. Os resultados têm potencial para informar políticas de saúde, aprimorar serviços de apoio, promover equidade e direcionar futuras pesquisas, beneficiando a qualidade do cuidado oferecido a mulheres em situações de dependência química.

2 MÉTODO

O presente artigo descreve uma pesquisa de abordagem quantitativa, exploratória e descritiva, realizada em duas comunidades terapêuticas localizadas em um município de porte médio no Sul do Brasil, denominadas “Casa de Apoio 1” e “Casa de Apoio 2”. O principal propósito dessas comunidades terapêuticas é acolher mulheres com idades entre 18 e 50 anos que estavam anteriormente em situação de rua, buscando motivá-las a abandonar o uso de drogas e proporcionar uma oportunidade para recomeçarem suas vidas.

A coleta de dados foi conduzida por meio de um questionário estruturado com perguntas objetivas, aplicado às mulheres que estavam em tratamento nas unidades terapêuticas e que concordaram em participar do estudo. Caso alguma participante apresentasse dificuldades para preencher o questionário, contou-se com o auxílio das colaboradoras da casa ou do próprio pesquisador.

Para a elaboração do questionário, foram considerados questionamentos pessoais sobre a vida e as características das usuárias, bem como questões relacionadas ao uso de substâncias psicoativas e ao internamento na comunidade terapêutica. O instrumento de coleta utilizado foi baseado no *Addiction Severity Index - ASI* (McLellan, 1980), que é de fácil aplicação e tem sido amplamente utilizado por diversos profissionais, como psiquiatras, enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais, envolvidos no cuidado de pessoas com problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas.

Os critérios de inclusão para a participação na pesquisa foram os seguintes: i) ser do sexo feminino; ii) ter idade mínima de 18 anos; iii) ter feito uso de drogas há, no mínimo, um ano; e iv) estar em tratamento nas unidades terapêuticas. O critério de exclusão consistiu em não possuir condições psicológicas para compreender plenamente as perguntas realizadas pelo entrevistador.

Após a coleta dos dados, os questionários preenchidos foram submetidos a uma análise estatística, utilizando-se técnicas apropriadas para a abordagem quantitativa dos dados. Os resultados foram interpretados e apresentados de forma descritiva, fornecendo uma visão geral dos principais aspectos relacionados ao uso de drogas pelas mulheres em tratamento nas comunidades terapêuticas.

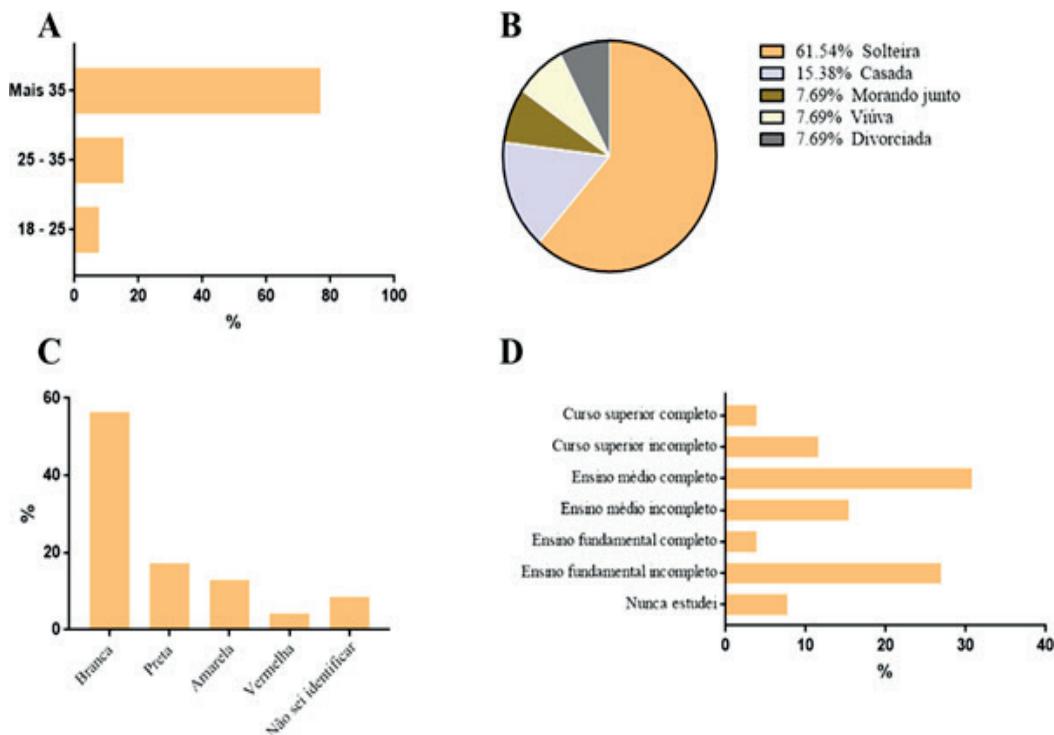
A pesquisa foi conduzida em estrita conformidade com as diretrizes éticas estabelecidas pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que dispõe sobre as normas para pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. Além disso, as orientações do Protocolo de Helsinque da Associação Médica Mundial também foram seguidas rigorosamente ao longo de todo o processo de pesquisa. Todas as voluntárias receberam explicações detalhadas sobre o estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de uma Universidade privada do Sul do Brasil sob CAAE 49249121.7.0000.5539 e parecer 4.847.831.

3 RESULTADOS

O questionário foi aplicado a 26 mulheres que se encontravam em atendimento em uma das duas comunidades terapêuticas femininas. Quase 80% delas possuíam mais de 35 anos; majoritariamente,

declararam-se brancas, eram solteiras, com ensino médio completo, com uma renda mensal média inferior a um salário mínimo (Figura 1 A-D).

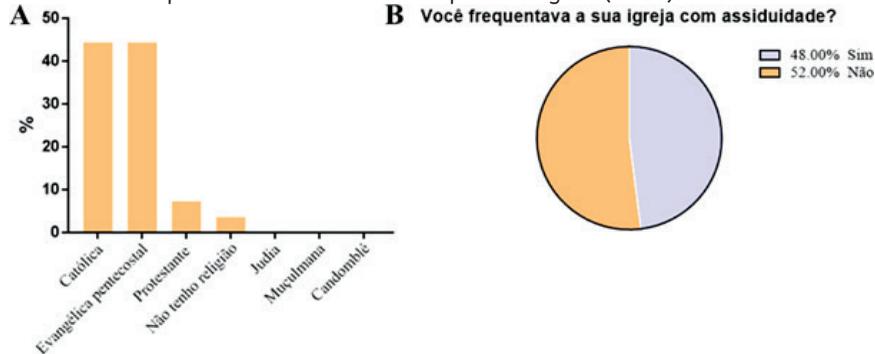
Figura 1 – Perfil das mulheres frequentadoras de duas comunidades terapêuticas localizadas em um município de porte médio no Sul do Brasil: A. Faixa etária média geral de mulheres. B. Estado civil de mulheres. C. Cor da pele autodeclarada de mulheres. D. Escolaridade de mulheres. Os dados estão representados na forma de porcentagem. (n= 26).



Fonte: Dados da pesquisa

Em relação à religião, foi registrado igual número entre católicas e evangélicas pentecostais, seguidas por protestantes e mulheres sem religião. Um número semelhante de mulheres declarou frequentar assiduamente a igreja ou não frequentá-la (Figura 2). Não houve mulheres que se declararam pertencentes a outras religiões.

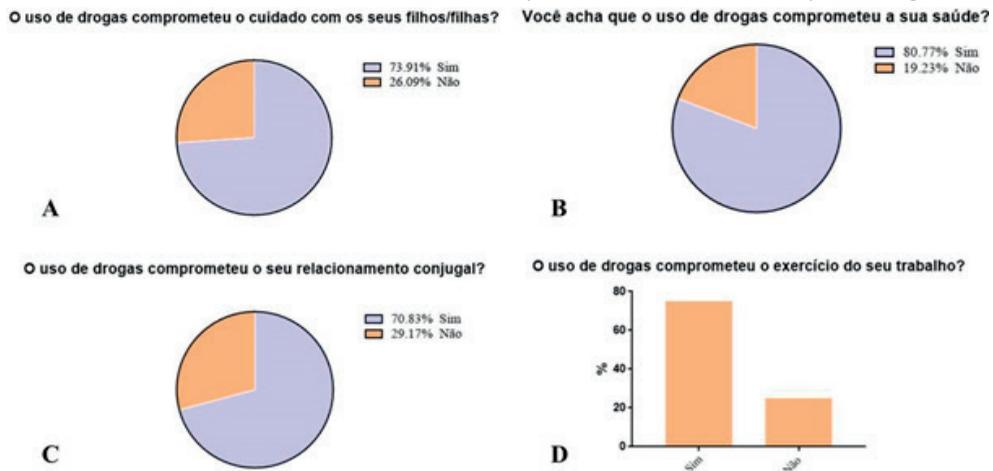
Figura 2 – Religião e comportamento religioso das mulheres frequentadoras de duas comunidades terapêuticas localizadas em um município de porte médio no Sul do Brasil: A. Religião de mulheres atendidas pelo programa das duas instituições. B. Assiduidade da participação na igreja das participantes. Os dados estão representados na forma de porcentagem (n=26).



Fonte: Dados da pesquisa

Quando questionadas sobre o comprometimento que a droga causou em determinadas situações da vida da interna, como resposta, mais de 73% informaram adversidades com os filhos; mais de 70% no relacionamento conjugal; 80% na saúde; e quase 80% no trabalho (Figura 3).

Figura 3 – Comprometimento causado pelas drogas às mulheres frequentadoras de duas comunidades terapêuticas localizadas em um município de porte médio no Sul do Brasil: A. Comprometimento das drogas no cuidado dos filhos. B. Comprometimento das drogas na saúde de mulheres. C. Comprometimento das drogas no relacionamento conjugal de mulheres. D. Comprometimento das drogas no exercício do trabalho de mulheres. Os dados estão representados na forma de porcentagem (n=26).



Fonte: Dados da pesquisa

4 DISCUSSÃO

Os dados coletados no estudo fornecem informações sobre o perfil das mulheres atendidas em duas comunidades terapêuticas femininas, bem como sobre sua religião e os impactos causados pelo uso de drogas em suas vidas.

Em relação ao perfil das mulheres, observa-se que a maioria delas possui mais de 35 anos, são brancas, solteiras, possuem ensino médio completo e têm uma renda mensal média inferior a um salário mínimo. Essas características podem indicar que as mulheres que buscam apoio nessas comunidades terapêuticas enfrentam desafios socioeconômicos e educacionais.

É importante ressaltar que estudos sobre a dependência de drogas na perspectiva de gênero devem considerar a interseccionalidade com outras formas de pertencimento identitário. O conceito de interseccionalidade, cunhado pela feminista afro-americana Kimberle Crenshaw, busca compreender como diferentes formas de pertencimento (classe, gênero, raça, etnia, geração, escolaridade etc.) se somam para potencializar as vulnerabilidades de homens e mulheres (Akotirene, 2019). Assim, o fato de ser mulher usuária de drogas pode agravar-se ainda mais quando a dependente é pobre, negra ou indígena, lésbica ou trans, muito jovem ou muito velha, vivendo em situação de rua, imigrante ilegal ou refugiada, entre outras características. Conhecer essas especificidades é fundamental para a formulação de políticas públicas mais realistas, que considerem sujeitos reais e não abstrações.

O internamento em comunidades terapêuticas é visto, por vezes, como o último recurso, quando o tratamento ambulatorial já foi realizado e não surtiu efeito. Isso explica o maior número das internas nas comunidades com idade superior a 35 anos e com mais da metade das entrevistadas com tempo de uso de drogas superior a 10 anos.

Nota-se que à luz do Modelo Biopsicossocial (Engel, 1981), o perfil das mulheres atendidas nas comunidades terapêuticas estudadas reflete a interação de fatores biológicos, psicológicos e sociais. A faixa etária, a cor da pele, o estado civil, a escolaridade e a renda mensal são indicadores de fatores sociais que podem influenciar o acesso ao tratamento e a capacidade de enfrentar os desafios relacionados ao uso de drogas. Além disso, os impactos negativos nas áreas da saúde, relacionamentos e trabalho destacam a importância de abordagens que considerem a complexidade desses fatores.

Ao analisar pesquisas de igual teor em outros estados, percebe-se uma média semelhante quando se trata de mulheres em internação em comunidades terapêuticas. Em um estudo realizado por Medeiros *et al* (2018), realizado com 45 mulheres nessa situação nos estados da Paraíba e Pernambuco, a porcentagem de mulheres solteiras foi ligeiramente superior à encontrada neste estudo: 62%. Isso demonstra que, para mais de 70%, o uso de drogas comprometeu o relacionamento conjugal, bem como muitos casamentos ou relacionamentos foram atingidos diretamente pelo uso de substância pela mulher ou pelo casal.

Em vista do Modelo de Determinantes Sociais da Saúde (Dahlgren; Whitehead, 2021), a renda mensal média inferior a um salário mínimo e a baixa escolaridade das mulheres atendidas nas comunidades terapêuticas são fatores sociais que podem contribuir para a vulnerabilidade ao uso de drogas. Esses determinantes sociais da saúde podem influenciar o acesso a recursos e oportunidades, afetando negativamente a saúde física e mental das mulheres.

Ressalta-se que a presença de mulheres solteiras e com renda mensal média inferior a um salário mínimo nas comunidades terapêuticas pode indicar a necessidade de empoderamento dessas mulheres. Vargas e Falcke (2019) relatam que o empoderamento envolve o fortalecimento das mulheres para que elas possam tomar decisões informadas sobre sua saúde e bem-estar, superar desafios socioeconômicos e desenvolver habilidades para lidar com o uso de drogas de maneira saudável.

No que diz respeito à religião, o número de mulheres católicas e evangélicas pentecostais é igual, seguidas por mulheres protestantes e sem religião. Não foram registradas mulheres pertencentes a religiões de matriz africana. Além disso, um número semelhante de mulheres declarou frequentar assiduamente a igreja ou não frequentá-la.

Bronfenbrenner (1979) considera que a principal ideia do modelo ecológico é que o desenvolvimento humano é resultado da interação dinâmica entre o indivíduo e os sistemas ambientais nos quais ele está imerso. Essa abordagem reconhece a importância do contexto ecológico para compreender o comportamento humano, enfatizando a interconexão entre o indivíduo e seu ambiente.

Corroborando, Travis Hirschi (1969) argumentam que o controle social refere-se aos mecanismos e processos que uma sociedade utiliza para garantir a conformidade dos indivíduos às normas e valores estabelecidos. Todos os indivíduos têm o potencial de se envolver em comportamentos desviantes ou criminais, mas a maioria das pessoas escolhe não fazê-lo devido ao controle social efetivo.

Neste cenário, os resultados sobre a religião das mulheres atendidas nas comunidades terapêuticas sugerem que o contexto religioso pode desempenhar um papel importante em suas vidas. As comunidades terapêuticas onde foram realizadas as pesquisas acolhem mulheres de todas as religiões, mas, embora as internas não sejam obrigadas a participar dos momentos de espiritualidade das unidades terapêuticas, a Casa de Apoio 1 professa a fé católica, já a Casa de Apoio 2 é evangélica (protestante), isso pode contribuir muito no resultado equilibrado entre mulheres católicas e evangélicas.

Considera-se que o envolvimento religioso pode fornecer suporte social, valores e crenças que influenciam a maneira como as mulheres lidam com o uso de drogas e buscam recuperação. Além disso, os impactos negativos nas diferentes áreas da vida das mulheres destacam a importância de considerar os sistemas sociais mais amplos nos quais elas estão inseridas, como a família, a comunidade e a sociedade em geral.

Isso normalmente inclui atividades sociais ou novas redes fora dos ambientes de uso de drogas. Esse tipo de controle social informal se concentra na formação de vínculos e relacionamentos fora da comunidade de usuários de drogas que ajudam os indivíduos em recuperação a manter um estilo de vida livre de drogas na sociedade. As descobertas apóiam outras pesquisas (Bettarello *et al.*, 2016; Zschau *et al.*, 2016; Sezorte; Silva, 2019) que mostram que novos relacionamentos em ambientes sociais são fatores importantes a serem considerados ao tentar ajudar ex-usuários de drogas a manter uma vida livre de drogas

Souza *et al.* (2014) afirmam que mudanças sociais ocasionaram, dentre outros aspectos, maior inserção das mulheres no mercado de trabalho e o aumento do número de famílias por elas chefiadas. Para Medeiros *et al.* (2018), a incorporação das mulheres em maior número de esferas sociais implica, também, que elas estejam submetidas aos mesmos fatores de risco aos quais os homens já eram anteriormente expostos, agregando hábitos como o consumo de drogas.

Quando questionadas sobre o comprometimento causado pelo uso de drogas em suas vidas, a maioria das mulheres relatou adversidades em diferentes áreas. Mais de 73% mencionaram dificuldades com os filhos, mais de 70% no relacionamento conjugal, 80% na saúde e quase 80% no trabalho. Esses resultados destacam os impactos negativos do uso de drogas nas diversas esferas da vida das mulheres, afetando não apenas sua saúde física e mental, mas também suas relações familiares e profissionais.

Em comparação com os homens, as mulheres frequentemente enfrentam uma rede de apoio social mais limitada (Alves; Rosa, 2016). O uso de substâncias psicoativas pode gerar consequências sociais que variam desde dificuldades interpessoais até situações de falta de moradia, desemprego, pobreza e isolamento das comunidades (Rodrigues *et al.*, 2022).

Considerando os prejuízos à saúde física e mental dos usuários de drogas, é fundamental intensificar as ações preventivas e de promoção da saúde voltadas a esse grupo, especialmente considerando as especificidades femininas. A questão de gênero é complexa devido às construções simbólicas e representacionais inter-relacionadas (Medeiros *et al.*, 2018). A análise da drogadição, na perspectiva da promoção da saúde, deve considerar tanto as fragilidades relacionadas aos aspectos individuais e às especificidades dos sujeitos, quanto os elementos estruturais da sociedade, como políticas de saúde, programas, serviços e ações (Ayres *et al.*, 2006). Por exemplo, mulheres em condições de vulnerabilidade têm maior predisposição para contrair o HIV (Silva *et al.*, 2007).

Destaca-se que o conceito de vulnerabilidade engloba a iniquidade e a desigualdade social vivenciadas pelas usuárias de drogas, permitindo avaliar suas fragilidades e capacidade de enfrentamento dos problemas de saúde, e propiciando o desenvolvimento de atuação em saúde pública com novas reflexões para a formulação de políticas públicas, deixando de lado a culpabilização e individualização (Sarmiento *et al.*, 2018).

Os dados deste artigo são importantes para compreender a realidade das mulheres que buscam apoio em comunidades terapêuticas. Eles evidenciam a necessidade de intervenções e suporte adequados para lidar com os desafios enfrentados por essas mulheres, tanto no que diz respeito ao uso de drogas quanto às consequências decorrentes desse uso.

Além disso, os resultados ressaltam a importância de abordagens holísticas que considerem não apenas o tratamento da dependência química, mas também a promoção da saúde, o fortalecimento dos relacionamentos interpessoais e o apoio socioeconômico. São necessárias políticas antidrogas, as quais segundo Paiva e Troiano (2022) devem estar alinhadas às diretrizes estaduais e nacionais, buscando promover uma abordagem integrada, que envolva prevenção, tratamento, redução de danos e combate ao tráfico.

5 CONCLUSÃO

Os resultados apresentados neste estudo fornecem dados importantes sobre o perfil das mulheres atendidas nas comunidades terapêuticas femininas, bem como os impactos do uso de drogas em suas vidas. Essas informações podem contribuir para a compreensão dos desafios enfrentados por essas mulheres e para o desenvolvimento de abordagens mais eficazes no tratamento e recuperação.

Os dados revelaram os fatores sociais, como a renda e a escolaridade, podem influenciar a vulnerabilidade ao uso de drogas e o acesso ao tratamento. Além disso, os resultados destacaram os impactos negativos do uso de drogas nas áreas da saúde, relacionamentos, trabalho e cuidado dos filhos. Esses achados reforçam a importância de abordagens integradas que considerem não apenas a dependência química em si, mas também os fatores sociais, emocionais e contextuais que contribuem para o uso de drogas e dificultam a recuperação.

Nesse sentido, é fundamental adotar uma abordagem multidimensional no tratamento e recuperação das mulheres atendidas nas comunidades terapêuticas. Isso implica considerar não apenas os aspectos biológicos e psicológicos do uso de drogas, mas também os determinantes sociais da saúde, como a renda, a educação, o acesso a recursos e o suporte social. Além disso, é relevante considerar a dimensão espiritual e religiosa no planejamento e implementação de intervenções terapêuticas.

Em suma, os resultados deste estudo destacam a necessidade de abordagens integradas e contextualizadas no tratamento e recuperação de mulheres com dependência química. Espera-se que os dados apresentados possam contribuir para aprimorar as práticas de atendimento e estimular a criação de políticas de promoção da saúde dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade: feminismos plurais**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

ALBUQUERQUE, C. D. S.; NÓBREGA., M. D. P. S. S. Barreiras e facilidades encontradas por mulheres usuárias de substâncias psicoativas na busca por tratamento especializado. **Rev Eletr Saúde Ment Álcool Drog**, v. 12, n. 1, p. 22-29, 2016.

ALVES, T. M.; ROSA, L. C. S. Usos de substâncias psicoativas por mulheres: a importância de uma perspectiva de gênero. **Rev Est Feminist**, v. 24, p. 443-462, 2016.

AYRES, J. R. D. C. M. *et al.* Vulnerability, human rights, and comprehensive health care needs of young people living with HIV/AIDS. **Am J Publ Health**, v. 96, n. 6, p. 1001-1006, 2006.

BETTARELLO, V. C. *et al.* Qualidade de vida, espiritualidade, religião e crenças pessoais de dependentes químicos em tratamento. **Rev Eletr Enferm**, v. 18, e1194, 2016.

BRASIL. Decreto nº 9.761, de 11 de abril de 2019. Aprova Política Nacional Sobre Drogas. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2019.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development: Experiments by nature and design**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

DAHLGREN, G.; WHITEHEAD, M. The Dahlgren-Whitehead model of health determinants: 30 years on and still chasing rainbows. **Publ health**, v. 199, p. 20-24, 2021.

ENGEL, G. L. The clinical application of the biopsychosocial model. **J Med Philos**, v. 6, n. 2, p. 101-124, 1981.

HIRSCHI, T. Key idea: Hirschi's social bond/social control theory. **Key Ideas Criminol Criminal Just**, v. 1969, p. 55-69, 1969.

MCLELLAN, A. T. *et al.* An improved diagnostic evaluation instrument for substance abuse patients: The Addiction Severity Index. **J Nerv Ment Dis**, v. 168, n. 1, p. 26-33, 1980.

MEDEIROS, K. T. *et al.* Traçando o perfil de uma amostra de usuárias de crack em tratamento. **Rev Psicol IMED**, v. 10, n. 1, p. 160-174, 2018.

PAIVA, L. M.; TROIANO, M. Legitimidade da Ordem: uma análise da formulação da Lei Antidrogas no Brasil. **Confect**, v. 14, n. 1, 2022.

RODRIGUES, R. P. G. T. O. *et al.* O uso de substâncias psicoativas lícitas na gestação: representações sociais de mulheres. **Rev Recien**, v. 12, n. 38, p. 194-205, 2022.

RODRIGUES, T. F. C. S. *et al.* Aumento das internações por uso de drogas de abuso: Destaque para mulheres e idosos. **Jl Bras Psiquiatr**, v. 68, n. 2, p. 73-82, 2019.

SARMIENTO, Y. E. S. *et al.* Dependência química e gênero: um olhar sobre as mulheres. **Cad Esp Feminino**, v. 31, n. 2, p. 149 - 160, 2018.

SCHIMITH, P. B. *et al.* A abordagem dos termos dependência química, toxicomania e drogadição no campo da psicologia brasileira. **Psicol USP**, v. 30, p. 1 - 9, 2019.

SCHLINDWEIN-ZANINI, R; SOTILI, M. Uso de drogas, repercussões e intervenções neuropsicológicas. **Cad Bras Saúde Ment**, v. 11, n. 28, p. 94-116, 2019.

SEZORTE, F. O. F.; SILVA, J. V. Perfil dos usuários de substâncias psicoativas (SPA) acolhidos na comunidade terapêutica religiosa Shalom. **Rev Valore**, v. 4, p. 426-439, 2019.

SILVA, V. N. *et al.* Vulnerabilidade ao HIV entre mulheres usuárias de drogas injetáveis. **Rev Saúde Públ**, v. 41, n. 2, p. 22 -3 30, 2007.

SOUZA, M. R. R. *et al.* A saúde de mulheres e o fenômeno das drogas em revistas brasileiras. **Texto Cont Enferm**, v. 23, n. 1, p. 92 – 100, 2014.

VARGAS, B. K.; FALCKE, D. Criminalizadas e/ou vulneráveis? A trajetória no crime de mulheres aprisionadas por tráfico de drogas. **Barbarói**, v. 55, n. 1, p. 195-194, 2019.

ZSCHAU, T. *et al.* The hidden challenge: Limited recovery capital of drug court participants' support networks. **J App Social Sci**, v. 10, n. 1, p. 22-43, 2016.

ZURITA, R. C. M. *et al.* Evolução dos gastos hospitalares com internações psiquiátricas por drogas. **Rev Gaúcha Enferm**, v. 37, n. 3, :e53289, 2016.

Recebido em: 9 de Agosto de 2023

Avaliado em: 30 de Setembro de 2023

Aceito em: 7 de Abril de 2024



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Fisioterapeuta, Mestre em Promoção da Saúde. Universidade Cesumar – Unicesumar, Maringá, Paraná. E-mail: paulospfc_ribas@hotmail.com

2 Graduada em História, Doutora em História. Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, Universidade Cesumar – Unicesumar, Maringá, Paraná. E-mail: tania.gomes@unicesumar.edu.br

3 Pedagoga, Doutora em Educação. Programa de Pós-graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações, Universidade Cesumar – Unicesumar, Maringá, Paraná. E-mail: angelalara@ymail.com

4 Licenciado em Sociologia, Mestre em História das Ciências. Universidade Cesumar – Unicesumar, Maringá, Paraná. E-mail: prof.jefersonlima@gmail.com

Copyright (c) 2023 Revista Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

